

O DESAFIO DAS “INFÂNCIAS *QUEER*” NO CURRÍCULO ESCOLAR

Isabella Nara Costa Alves¹, Francineide Marques da C. Santos²

Faculdade Metropolitana, isabella.athos@live.com; Universidade Federal Rural de Pernambuco, francineide.marques@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade problematizar a emergência de infâncias *queer* e contribuir à discussão da criança como corpo que destoa e bagunça as normas de gênero e sexualidade e os movimentos curriculares dentro da escola. Nosso problema é: Quais desafios curriculares são trazidos por um corpo infantil considerado “afeminado” ou “masculinizado”? Em diálogo com a escrita de Michel Foucault, problematizamos a visão de infância enquanto temporalidade humana marcada por aspectos biológicos circunscritos dentro do território social em que se cristaliza a imagem da criança como ser universal, a-histórico e sobretudo, sem sexualidade. Justificamos a importância deste artigo por investigar as questões de gênero e sexualidade dentro do âmbito educacional, local no qual se manifesta preconceitos e tabus em relação à temática, reforçando as discriminações. Nesse sentido, discutimos, também, relações de poder no “chão da escola”, vez que a presença de uma “criança *queer*” mostra-se transgressora aos padrões da sala de aula no tocante à manifestação de gênero e sexualidade dissidentes, personificando uma resistência aos mecanismos de controle dessa sociedade dicotômica. Optamos, como caminho metodológico, pelo relato de experiência conjugado com uma pesquisa bibliográfica, tendo como embasamento as teorias curriculares pós-críticas, com Tomaz Tadeu da Silva, e a teoria *queer*, de Judith Butler. No campo da educação, entendemos haver diálogo entre a teoria *queer* e a educação por pedagogias e currículos para além dos binarismos como pensado por Guacira Lopes Louro. São sexualidades entrecruzadas, interseccionalizadas com classe, gênero, origem, raça, etc. Os resultados da pesquisa evidenciam discursividades desafiadoras nesses corpos, infâncias que escapam aos padrões dicotômicos e desafiam atualizações no currículo escolar do ensino fundamental e formação pedagógica que contemple discussões em pluralidades culturais, sexuais, sociais. Nossas considerações finais apontam para a emergência do aprofundamento na investigação dessa temática e na inclusão de “infâncias *queer*” nos debates curriculares, educacionais, populares e acadêmicos.

Palavras-chave: Infância *queer*, currículo, educação.

Introdução

- *O que é uma bicha?*
 - *É uma palavra que as pessoas usam para fazer os gays se sentirem mal.*
 - *Eu sou uma bicha?*
 - *Não. Você pode ser gay, mas você não pode deixar ninguém te chamar de bicha.*
- (Moonlight - Sob a luz do luar, 2016)*

¹ Graduada no curso de Pedagogia da UniFG (Centro Universitário dos Guararapes). Especializanda em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Metropolitana, Jaboatão dos Guararapes - PE. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde - GEPERGES, Recife - PE.

² Mestra em Educação, Culturas e Identidades-UFRPE/FUNDAJ. Pesquisadora do GEPERGES Audre Lorde - Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades.

A epígrafe acima retrata uma cena do filme ganhador do Oscar do ano de 2016, o primeiro filme com temática LGBT a ganhar a categoria principal nesta premiação. Com o elenco 100% negro, o longa-metragem³ conta a história de vida de Chiron (Alex Ribbert), um menino gay negro morador da periferia, em um subúrbio de Miami. Explorando as dificuldades do protagonista no reconhecimento de sua própria identidade, o filme fala sobre a construção da(s) masculinidade(s), abuso, *bullying*, violência e racismo.

Na cena escolhida, *Little* (apelido do personagem, que em português significa pequeno), fugindo dos colegas da escola que o chamam de “viado” e “boiola”, conhece o traficante Juan (Mahershala Ali), que se torna seu protetor, importante figura paterna de Chiron, que o ajuda a construir e (re)pensar sua(s) masculinidade(s).

É sobre os milhares de Chirons que este artigo quer falar: sobre as crianças com sexualidades dissidentes, consideradas afeminadas ou masculinizadas e que podem cambiar, as infâncias *queer*, pois, assim como Chiron, existem na escola diversas crianças que borram as linhas normativas de gênero e sexualidade e subvertem as figuras, os estereótipos de um menino que fortuitamente brinca de boneca ou de uma menina que gosta de jogar futebol.

Nosso objetivo geral é dialogar com autoras/es que investigam a emergência de infâncias *queer*, especialmente no currículo escolar.

Evidencia-se, com as recentes censuras a obras de arte, palestras, apresentação de projetos legislativos que visam extirpar conteúdos históricos, científicos que ensinam outras possibilidades de estar no mundo para além daquele modo heteronormativizado, mostra-se um cenário favorável à essa discussão, pois essas censuras estão na contra-mão das deliberações de organismos de educação transnacionais e dos estudos e pesquisam em Educação em várias partes do mundo que apontam para a necessidade de se garantir a liberdade dentro e fora da escola, como alternativa para uma coexistência em paz e resolução de conflitos por Acordo e diálogo.

Faz-se necessário melhor compreender a criança que destoa e bagunça as normas de gênero e sexualidade dentro da escola e tentarmos formular perguntas e respostas, tais como: Como educar para evitar discriminações? O que representa? Quem é ela?

Criança viada, criança lacradora, menina tombadora, Maria homem e Maria sapatão, bagunçando as normas de gênero, transgredindo o currículo e apontando para outros possíveis. [...] os infantes-queer são capazes de efetuar no currículo um “devir-criativo” que permite a construção de novas formas de relação e um

³ O filme está presente na plataforma de *streaming* Netflix.

“devir-transviado” que afeta e contagia todas as crianças. Nisso reside uma possibilidade de resistência importante, que consiste na recusa das formas impostas de subjetividade para meninos e meninas e na construção de outros modos de estar e viver as infâncias no currículo (SILVA e PARAÍSO, 2017, p. 2).

Da estreia de *Moonlight* para cá, reacenderam várias discussões sobre *os infantis-queer*.

O Brasil assistiu à censura do *Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira*⁴, em Porto Alegre que possuía as obras “Travesti da lambada e deusa das águas (figura 1)” e “Adriano Bafônica e Luiz França de She-há”, que retratavam crianças com poses e trejeitos considerados femininos, inspirada no *tumblr*⁵ *Criança Viada*, uma página em que várias pessoas compartilham fotos de infância que manifestavam feminilidades e masculinidades fora do padrão normativo. Atacadas por grupos conservadores, as duas iniciativas foram alvo de grande debate, acusadas de incitar pedofilia e profanação.

Recentemente, mais dois casos emergem: uma mãe postou um vídeo⁶, em sua página de uma rede social, mostrando seu filho de 12 anos se beijando com seu namorado, de 14 anos, em seu aniversário, com um bolo da *drag queen* Pablo Vittar. Sem entrarmos no discurso da música ali entoada⁷ e do fato de ser uma idade precoce a do aniversariante, pois ainda criança de 12 anos, percebeu-se reações típicas de sociedade que, além de homofóbica, é altamente hipócrita, uma vez que os “casais” formados por um menino e uma menina nessas idades são considerados “naturais”.

O outro caso trata de uma menina transgênero de 13 anos que foi expulsa⁸ de uma escola de Fortaleza, gerando um cenário de opiniões polarizadas nas redes sociais, ora de quem critique a escola, ora de quem defenda.

Esses dois casos evidenciam às formas de como nossa sociedade percebem as crianças que subvertem as normas de gênero e sexualidade.

⁴ A exposição foi apresentada no Santander Cultural e anteriormente também foi exposta na Câmara dos Deputados em 2016, irritando a bancada evangélica.

⁵ *Tumblr* é uma plataforma online em que usuárias(os) podem postar fotos, textos, etc.

⁶ O vídeo está disponível na plataforma Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=xU_V6N3DZPQ.

⁷ A música cantada pelos dois garotos e demais presentes transforma o “Parabéns pra você” na descrição de um ato sexual.

⁸ A escola Educar Sesc, de Fortaleza, garantiu a matrícula da aluna, mas não a permanência. A mãe da criança escreveu um *post* em uma rede social como nota de repúdio, ganhando grande notoriedade. O Sistema Fecomércio-CE, que mantém a escola, voltou atrás na decisão e pediu desculpas à família (ROSA, 2017).



Figura 1: Obra de Bia Leite “Travesti da lambada e deusa das águas” (DIAS, 2017).

As obras artísticas e a página no *tumblr* manifesta que pessoas com sexualidade consideradas “desviantes” já foram crianças e que existem infâncias entre nós que fogem aos padrões heteronormativos. A finalidade que as duas iniciativas têm é a de incentivar o respeito a essas existências.

Diante deste cenário, nossa problemática como educadoras é, também saber, como discutir sexualidade com suas interseccionalidades, analisando as teorias de currículo e teoria *queer*.

Metodologia

Como enfoque metodológico, optamos por uma pesquisa bibliográfica elaborada a partir da reunião e/ou comparação de autores e autoras que discutem o tema aqui analisado, (KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010). Nos valem dos ensinamentos sobre currículo pós-crítico de Tomaz Tadeu e Silva (2002), da teoria *queer* de Judith Butler (2015) e da pedagogia das sexualidades de Guacira Lopes Louro (2007). Esta pesquisa é exploratória porque tem, também, como finalidade a construção de hipóteses que possam contribuir com as discussões aqui trazidas.

Resultados e discussão: a criança *queer* na escola

No imaginário social, nossa sociedade construiu mitos e tabus em relação à sexualidade humana. O primeiro e, um dos mais relevantes, é o aprisionamento das expressões político-sexuais. Por meio do advento do capitalismo, que prevê o corpo como maquinaria e força de produção, a sexualidade foi negada, silenciada e normatizada. A regra interna tomou

a expressão da heterossexualidade como natural e legítima, focalizada não no erotismo, mas na reprodução (FOUCAULT, 2015).

A hipótese repressiva da sexualidade, segundo Foucault (2015) foi a principal responsável por dicotomizar os discursos em relação à sexualidade: a *scientia sexualis* - originária do Ocidente, legitimada por instituições como a Igreja, o Estado, a Família e a Escola, ajusta os/as sujeitos/as à repressão e à culpa, impostas pelos discursos “científicos” - contra a *ars erotica* - originária no Oriente, que busca o alcance do prazer como possibilidade de vivência humana, entendendo a sexualidade como busca do eu, atividade física e espiritual.

A *scientia sexualis* naturalizou mitos e tabus sobre a sexualidade humana, atribuindo “verdades sobre o sexo”. Uma dessas trata-se da sexualidade infantil, em que as instituições supracitadas controlaram essa instância através da pedagogia, considerada algo a ser extinto (FOUCAULT, 2015).

A repressão da sexualidade infantil torna-se uma das responsáveis a cristalizar no imaginário social a ideia de uma criança passiva, submissa, uma miniatura adulta. O gênero, baseado no sexo, é dado ao nascimento a partir da genitália e a sexualidade é negada, entendendo que ela só se manifestará na puberdade e poderá se vivenciada a partir da fase adulta.

A orientação sexual nas escolas segue sendo repudiada pelas mesmas forças conservadoras circunscritas no campo da *scientia sexualis*, entendendo-se como tarefa da família, que em grande parte dos casos, repreende qualquer “desvio” da norma.

Essa visão de infância ainda é regra nas escolas. A corporeidade - e, conseqüentemente, a sexualidade - é silenciada pelos/as profissionais da educação. Contudo, como enfatiza Butler (2015), onde há repressão, há necessariamente, resistência.

As crianças existem e resistem, manifestam-se como corpos divergentes no aparelho ideológico do Estado (SAVIANI, 2005), a escola, mas pagam o preço da repressão: o *bullying*, chegando até mesmo à expulsão.

A criança *queer* é um desses exemplos: ela está na sala de aula incomodando e subvertendo os movimentos curriculares presentes nas práticas pedagógicas. Mas o que é ser *queer*?

Louro (2016) nos ensina que *queer*, do inglês, não há tradução literal, mas é uma expressão que se equivaleria a estranho, ridículo. Aportando-se à realidade brasileira,

podemos nos referir à “bicha”, “viado”, “sapatão”, formas pejorativas de referir-se aos corpos que cruzam as fronteiras de gênero e sexualidade.

Queer significa colocar-se contra a normalização - venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heterossexualidade compulsória⁹ da sociedade; [...] Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito transgressiva e perturbadora (LOURO, 2016, p. 39).

A partir desse contexto, emerge a teoria *queer*, tendo como principal autora Judith Butler. A autora convida-nos a transgredir e questionar as normas binárias de gênero e sexualidade presentes em nosso meio sociocultural, que se apoiam na biologia e na natureza para legitimar desigualdades e hierarquias.

Vale ressaltar que, recentemente, a filósofa, em sua curta passagem ao Brasil, foi hostilizada¹⁰ por grupos conservadores de direita e extrema-direita política, que quiseram impedir sua vinda e censuraram suas palestras e obras.

A desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos polos. Trabalhando para mostrar que cada polo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada polo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada polo é, em si mesmo, fragmentado e plural. Para os teóricos/as queer, a oposição heterossexualidade/homossexualidade - onipresente na cultura ocidental moderna - poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos (LOURO, 2016, p. 44).

Subvertendo a noção de identidade fixa e imutável, Butler nos instiga a pensar no conceito de *performatividade*: a depender do cenário discursivo, categorias de gênero, sexualidade, assim classe e raça, retraem-se e abrem possibilidades de ser e estar no mundo.

Como em um grande palco, os corpos atuam conforme os cenários circunscritos, assumindo performance(s).

E como a teoria *queer* se articula com a educação?

A teoria *queer* nos permite pensar no conceito de identidade e diferença presentes dentro e fora da escola: questões fundamentalmente curriculares. Unindo teoria *queer* e currículo,

⁹ A heterossexualidade compulsória é uma teoria emergente dos estudos lésbicos, através de Adrienne Rich (1980), na teoria em que a sociedade reitera por meio de seus instrumentos de comunicação e sociabilidade a heterossexualidade como natural e legítima.

¹⁰ Butler e sua companheira foram alvo de perseguições e violência no breve período que permaneceram no Brasil e, sob muitos contratemplos e ataques que a chamam de “bruxa” - que nos relembra tempos da Inquisição - , conseguiu realizar sua palestra no SESC Pompéia, em São Paulo (PEREIRA, 2017).

podemos compreender o currículo, aqui especificamente o escolar, como espaço de relações de poder, de lutas ideológicas. Prova disso é o avanço do conservadorismo com o seu questionável projeto “Escola sem partido” que barra noções de gênero e sexualidade nos documentos norteadores de educação, como o Plano Nacional de Educação (2014) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A pedagogia e o currículo *queer* vão além de falas pretensamente *benevolentes*, (“Somos todos iguais”, “Respeite o/a colega”), que reiteram as dicotomias entre os “normais” e os “diferentes” e reiteram o discurso precário da “tolerância” quando alguma situação de discriminação acontece no território da escola.

Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionadas, em que as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades (LOURO, 2016, p. 49).

O currículo, ainda engessado, baseado nas teorias tradicionais, que legitimam o *status quo*, se limita a itinerários conteudistas, tecnicistas, alicerçados em objetivos e práticas mecânicas. Na literatura sobre a temática não existe consenso no que se configura currículo, mas trabalharemos na perspectiva de Tomaz Tadeu da Silva (2002) deste como artefato cultural, pós-teórico, resultado de uma seleção, dentre um grande universo, de conhecimentos e saberes. O currículo é pensado através das noções de subjetividade: que pessoa queremos formar? Portanto, ele está vitalmente envolvido nas relações de poder - a seleção é uma questão de poder - e nas questões de performatividade: o binômio saber-poder.

Discutir gênero e sexualidade nas escolas é uma questão curricular e, portanto, uma questão política. A escola, segundo Louro (2007) através do modelo cartesiano que separa emoção e mente, de forma sutil, porém eficiente e duradoura, dessexualiza os corpos, como se pudessem deixar suas manifestações afetivas e corpóreas do lado de fora, “dentro do armário”¹¹.

A partir desta complexa conjuntura, a criança *queer* é um corpo que resiste às normatizações, à disciplinarização: um corpo “masculino” que carrega as marcas “femininas”, um corpo “feminino” que é atravessado por “masculinidades”:

¹¹ A partir desta prerrogativa, Junqueira (2009) enfatiza que a escola aplica a *pedagogia do armário*, que silencia às questões de sexualidade e, conseqüentemente, as pessoas que borram os padrões.

O infante, aquele que não fala por si próprio, é desmontado pelas traquinices das crianças que ousam produzir uma multiplicidade de signos, por meio dos quais escapam à regulação social. Abalando o modelo de infância, constituído na modernidade ocidental principalmente pelos aparelhos de controle familiar e escolar, [...] convocam a pensar a criança para além do padrão instaurado pela moral burguesa. Evidencia-se, então, que as crianças não são infantis desde sempre. Elas são alvo de um processo de infantilização que, paradoxalmente, possibilita se tornarem adultos submetidos à organização social (ZAMBONI, 2017, p. 850).

Contudo, por ser uma infância que “escapa”, pagam um preço alto por simplesmente existirem, sobretudo quando falamos de crianças transgêneros, mais ainda ocorrem a violência, a expulsão da escola, a rejeição:

Frequentemente expulsas da casa familiar, as crianças que se tornam travestis são também rejeitadas em outros espaços comunitários, principalmente a escola do Estado — que se aterroriza diante delas e tenta repeli-las a qualquer custo, mas sem causar escândalo. O que acontece [...]? Elas inventam um meio, às margens, de existir, arranjam-se como podem com a potência que inventam coletivamente. Elas se encontram, vivem bastante próximas umas das outras, arranjam táticas que compartilham para sobreviver na cidade capitalista (ZAMBONI, 2016, p. 98).

A criança *queer* desestrutura o estatuto da normatividade (re)produzido pela escola, manifestando a plasticidade humana de gênero e sexualidade e, apresenta novas hipóteses às perguntas se “nascemos” homossexuais, trans, bissexuais. Não necessariamente a criança *queer*, na vida adulta, possuirá uma sexualidade “dissidente”. Heterossexuais e pessoas cisgêneras também possuem nuances de feminilidades e masculinidades presentes em seus corpos e comportamentos e também precisam questionar suas possibilidades. A(s) masculinidade(s) não se resume à figura do macho-alfa, viril, agressivo e bruto e a(s) feminilidade(s) não está encarcerada na “bela, recatada e do lar”. Somos todos seres que (re)investimos traços e experimentos, ainda que algumas pessoas possuam privilégios.

É importante também pensarmos que as crianças *queer* não são sujeitas apenas de sexualidade: também possuem classe e raça. Em um cenário discursivo que reuna racismo, classismo e heteronormatividade, Terreira (2017) nos interpela a pensar sobre a *bicha favelada*, como modos de refletir a(s) masculinidade(s) e feminilidade(s) negra(s) como corpos fetichizados. Silva Júnior (2014) nos alerta que a raça é sexualizada e a sexualidade é racializada.

Atravessado por interseccionalidades, cabe formular hipóteses que se atrevam também a pensar o lugar que a escola reserva - se é que há espaço - para as crianças que entrecruzam normas diversas - a *criança negra sapatão*, da *trans negra*, da *bicha preta*.

Aqui, a discussão se amplia ainda mais para contemplar as inserções relativas às questões de identidades raciais, para não correremos o risco de sermos homogeneizantes, pois, pensando com Angela Figueiredo (2015), anterior às questões de identidade de gênero, a realidade brasileira desafia as identidades do ser “negra”, “negro”, vez que nesta sociedade não podemos esquecer o leque de opressão que se abaterá sobre as crianças que conjuguem os marcadores de exclusão. Em uma sociedade racista como a nossa, a criança negra certamente será tanto e mais discriminada por apresentar sexualidades “destoantes” do que as crianças brancas.

Conclusões

O currículo, baseado na *pedagogia do armário*, silencia a sexualidade e suas manifestações, da educação infantil - momento que se entra na escola - até o ensino superior. Nesse contexto, a criança queer transgride os mecanismos de poder, subvertendo as normas de sexualidade, de gênero e outras demais, bagunçando os padrões e comportamentos normativos.

Torna-se, pois, fundamental que os itinerários de gênero e sexualidade estejam nos currículos e planos de educação, apresentados como o primeiro passo para obtermos a inclusão de crianças *queer*. A inclusão não se limita somente à matrícula, mas as estratégias de ensino, aprendizagem e de permanência dessas pessoas no espaço escolar e em outros lugares, como a universidade e o mercado de trabalho.

O currículo, conforme os saberes de Oliveira (2017), precisa ser *aquendado*. *Aquendar* é uma gíria do dicionário pajubá - emergente da cena LGBT - quando travestis e *drag queens* precisam vestir trajes “femininos” e torcem o pênis para trás, imitando uma vagina: “Torcer seu próprio corpo para inventar outros mundos: *aquendar a metodologia* (OLIVEIRA, 2016, p. 339).

O currículo necessita, pois, ser “torcido” para incluir as sexualidades dissidentes, os corpos que atravessam as fronteiras de gênero e sexualidade.

Referências

- DIAS, Tiago. **“Nós, LGBT, já fomos crianças e isso incomoda” diz artista acusada de incitar pedofilia.** UOL Entretenimento. 2017. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/12/nos-lgbt-ja-fomos-crianca-s-esse-assunto-incomoda-diz-artista-acusada-de-pedofilia.htm>>. Acesso em: 25 novembro 2017.
- FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata a Judith Butler. **Revista Periódicus**, Salvador, n. 3, v. 1. mai.-out. 2015. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>. Acesso em 25/11/2017.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: A vontade de saber.** 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2015.
- JUNQUEIRA Rogério (org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Edições MEC. UNESCO, 2009.
- KAUARK, Fabiana da Silva. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: um guia prático.** Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MOONLIGHT: **Sob a luz do luar.** Direção: Barry Jenkins. Produção: Adele Romanski, Dede Gardner, Jeremy Kleiner. Miami. Disponível em: <<http://vizer.tv/movie-moonlight.html>>. Acesso em: 25 novembro 2017.
- OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. **No meio do mundo, aquendar a metodologia: notas para queerizar a pesquisa em currículo.** Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 332-356, maio/ago. 2016.
- PEREIRA, Gisele. **Judith Butler e o medo da igualdade.** Revista Carta Capital. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/judith-butler-e-o-medo-da-igualdade>>. Acesso em: 27 novembro 2017.
- RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica.** Antelope Publications, 1980.
- ROSA, Ana Beatriz. **Mãe de trans expulsa em Fortaleza rebate: 'Garantir uma vaga não é suficiente. Ela precisa de direitos assegurados'.** Huffpost Brasil. 2017. Disponível em: <<http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/25/mae-de-trans-expulsa-em-fortaleza-rebate-ga>>

rantir-uma-vaga-nao-e-suficiente-ela-precisa-de-direitos-assegurados_a_23287576/>. Acesso em: 27 novembro 2017.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 2005. Cortez Editora. 4 ed.. Disponível em: <<https://gepelufs1.files.wordpress.com/2011/05/escola-e-democracia-dermeval-saviani.pdf>>. Acesso em: 27 novembro 2017.

SILVA, João Paulo de Lorena. PARAÍSO, Marlucy Alves. **Bagunçando as normas de gênero: crianças transviadas e a invenção de outros possíveis no currículo escolar**. 7º SBECE - Seminário de Estudos Culturais e educação. 2017. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1495486395_ARQUIVO_Baguncandoasnormasdegenero_SBECE_TextoCompleto.pdf>. Acesso em: 27 novembro 2017.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro: IFCHS, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ZAMBONI, Jésio. **Educação bicha: uma arqueologia da diversidade sexual**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

_____. **Proposições para se pensar a criança bicha**. VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO. ABEH e a construção de um campo de Pesquisa e Conhecimento: Desafios e potencialidades de nos re-inventarmos. 2017.